

CARLOS PINTO COELHO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

FEVEREIRO 1999

Era uma vez um estudante a terminar Direito e em vésperas de ser pai. Precisava de trabalhar. Numa tarde de 1968, subiu as escadas do *Diário de Notícias* e foi «apanhado pelo apaixonante turbilhão das redações». O jornalismo tomou conta de si e ele entregou-se-lhe, na imprensa, na rádio, na televisão.

Carlos Pinto Coelho, quatro filhas, duas netas. Continua a gostar de mulheres bonitas? «A respirar, a adormecer, a acordar com elas. O real e o imaginário feminino integram o meu todo anímico.» Olhar longo. Homem de solidão, apesar dos êxitos? «Mais amaciado. A idade, a gente que me acarinha na minha tribo amaciaram a solidão.»

Quando alguma coisa mil vezes acontece na vida de alguém, como se sente essa pessoa?

Se essa coisa mil vezes acontecida nasceu na dor, no deserto, então, sabe mil vezes melhor.

Que dor fez gerar o «Acontece»?

A de um período em que a RTP me mandou para casa de pijama, durante 14 meses, sem me dar trabalho. O parto do «Acontece» ocorreu nessa desgraçada circunstância. Sabe melhor agora vê-lo a festejar mil edições.

Compensado?

O facto de o «Acontece» ter chegado ao número mil deve-se a muitos fatores. O principal: só na RTP, enquanto serviço público, havia a hipótese de um programa com este formato. Nenhuma televisão comercial gastaria antena e horário nobre num programa com estas características.

Não faltam sociólogos a defender que mercado e cultura não podem dissociar-se...

Nenhuma estação dos senhores Murdoch e Bertelsmann daria horário nobre a um produto de cultura, a não ser uma de serviço público (e fazem-no crescentemente): Channel Four, Canal Plus. PBS (EUA) e o Arte (Europa). Sou dos que acreditam na televisão de serviço público.

Que outros fatores contribuem para o êxito do «Acontece»?

Uma excelente equipa. Um programa de televisão não se faz com uma pessoa. Uma equipa que conta com a mais apurada bolsa de jornalismo cultural para televisão deste país. Não estou a fazer comparações com jornalistas da imprensa e da rádio.

Não acaba por haver no «Acontece» uma interação desses diferentes tipos de jornalismo?

Na crónica e na entrevista, temos jornalistas não especificamente voltados para a técnica televisiva. Todos com a sua valia.

Na sua carreira, cruzam-se escrita, rádio e televisão. Muito diferentes, em termos jornalísticos?

Uma diferença abissal. A televisão mata o «porquê», pergunta de ouro na imprensa.

A ausência do «porquê» em televisão pode fazê-la cair no imediatismo efémero?

Digo pior: a televisão é levada à superficialidade da mensagem. É o meio mais depauperante das mensagens que se queiram inteligíveis. Não nasceu para ser um *medium* muito inteligente.

Considera-se o século XX como a era do ecrã. A televisão é o *medium* de maior influência?

O de maior impacte.

Poderá então concluir-se que a televisão gera a superficialidade no grande público?

É disso que se trata. Quando se vive por dentro este meio (como eu o vivo), e saltamos para as páginas de quem o vê e pensa de fora (como Pierre Bourdieu, por exemplo), e mais para um jornalista que veio da imprensa (como eu vim), é um beco sem saída.

Apanhado nesse beco?

Pelas contrapartidas boas que também tem. Se fosse apenas um prato roto, não estaria aqui. Os grandes aliciantes da televisão são o impacte, o poder quase hipnotizante que exerce sobre o recetor; as mensagens expedidas podem espalmar-se tão violentamente na mentalidade, no conhecimento ou na passividade de quem as recebe que também isso é aliciente, desde que depois se queira, como no caso do «Acontece», usar esse continente para lhe dar um conteúdo.

Como se apurou esse conteúdo?

Num País onde se registam os mais baixos consumos de cultura da Europa, apostou-se em levar todos os dias ao público a notícia dos eventos da cultura, num formato jornalístico. Estávamos bem servidos de imprensa cultural, de boa rádio cultural. Faltava jornalismo sobre coisas da cultura na televisão. Cá estamos, no milésimo «Acontece».

Bastante num serviço público?

Não. Se tivesse que definir o «Acontece» em estilo *marketing*, diria: é um comboio para despertar apetites.

«Acontece» continua a ser caso único na Europa?

O único programa diário de cultura na televisão europeia, que eu saiba, repito, que eu saiba!

Nietzsche advoga que nenhum vencedor acredita no acaso...

Da experiência que tenho aos 54 anos, não desconsidero o fator sorte. Tive muito tempo de pouca sorte, estou com sorte há quatro anos e meio. Uma sorte que passa, todavia, pela equipa que tenho de jornalistas, sábios, produção e apoio; pequena, mas qualificada, competente. Sorte, ainda, de ter ao lado do «Acontece» os editores de livros em Portugal.

Todos os editores portugueses se reveem no «Acontece»?

Se algum não se revê, nunca mo disse. E trabalhamos já com cerca de setenta editores. A avaliar pelo número de livros que chegam ao «Acontece», saem em média catorze títulos por semana.

Onde está a crise editorial e de leitura? Não se edita a esse ritmo sem haver consumo...

Tem de existir um público que consome. Um mistério para mim e para os próprios editores. Quando lhes ponho a questão, também não sabem responder, ficam estupefactos, surpresos.

Estupefactos ou o «Acontece» denuncia o mito dessa crise?

Pode bem ser, mas o mérito será, nesse caso, da televisão, de um *medium* que veicula sempre com resultados, bons ou funestos.

A cultura molda-se, segundo Hegel. A televisão exerce esse poder?

Está a moldá-la. A cultura deste fim de século tem o sinal indelével do audiovisual. É nessa froliteira de alarme e de interesse que todos navegamos no «Acontece».

Em busca do equilíbrio entre o imediatismo e a semente?

Conheço bem o perfil do espectador do «Acontece». Recebo diariamente os diagramas de audiência. E há um laboratório espontâneo: as chamadas dos espectadores para o passatempo vídeo-livro.

As pessoas são atraídas nem que seja por uma *t-shirt*...

Quem telefona para este prémio não é quem tenta ganhar a *t-shirt*. Telefona quem gosta de livros. Já se ofereceram mais de 60 mil livros.

O público do seu programa recebe a mensagem e participa nela?

Sem dúvida. Há dois grupos etários fortes que consomem todas as noites «Acontece»: dos vinte aos trinta e os seniores, com mais de sessenta anos. O vazio existe nas gerações dos anos cinquenta e sessenta, para quem a vida se faz mais de consumismo.

Não tiveram hábitos de leitura?

A maioria vivia na ignorância, era-lhe interdito o saber e a expressão de pensamento. Estava debaixo da pata do salazarismo.

Culturalmente, essas gerações continuaram amorfas?

A maioria ficou parada. O «Acontece» é visto por 200 mil pessoas. Os milhões estão nas novelas, nos programas de mercado.

Foram os programas de mercado que tornaram a televisão líder da comunicação social na Europa?

Líder da comunicação social não sei se é; da massificação social, sim. Comunicação é outra coisa. Repugna-me dar à palavra comunicação os conteúdos do telelixo, que é a avassaladora maioria do produto que passa nas televisões.

Culpa de quem?

Do telespectador.

Não lhe dão melhor...

Culpado por comer esse telelixo passivamente.

A maior culpa não será de quem lhe fornece o lixo?

Não estou a condenar nem a fustigar ninguém.

Como alterar as coisas?

Fazendo pequenos mas persistentes «Acontece».

Receita única?

Não. Por exemplo, se os relatos desportivos fossem produzidos sempre em bom português, teríamos muitos e grandes momentos de cultura.

Poder-se-á dividir a televisão em dois únicos polos, o intelectual e o de mercado?

De maneira nenhuma. A cultura tem de ser transversal, cruzar de forma apetecível todos os produtos jornalísticos. Neste sentido, cultura é o duelo do que nos dá prazer e enriquece. Deveria ser transversal. Infelizmente, não é.

Como melhorar e captar a qualidade das audiências?

Ainda não foi encontrada a fórmula, senão já teria sido dada resposta e não se falava mais nisso.

Não será de mais insistir...

Justifica-se, porque não foi encontrado ainda um caminho. Por alguma razão

surge o fenómeno da fuga das pessoas ao consumo televisivo e entram cada vez mais nesse mundo individual da internet, escolhendo e criando o que desejam. Venham os sociólogos explicar-nos porquê.

Gostaria de ver o «Acontece» a festejar mais mil edições?

Queria celebrar as bodas de ouro do «Acontece». Teria eu 104 anos. Conheci há dias, em Vila Viçosa, um senhor com 105, ótimo. Foi entrevistado no «Acontece» pelo jovem repórter Fernando Pessa.

O «Acontece» fez renascer a rubrica “Falar Português”. Não teme que o figurino estático desse momento se torne enfadonho?

A RTP tem um patrão, que é o Estado e deve a esta casa milhões de contos. Que promete pagar e não cumpre. A verdade é que esta casa vive um equívoco financeiro não fácil de o público entender. São muitas as limitações para se produzir uma roupagem televisiva mais apelativa. Repare como uma simples pergunta — por que é que o tratamento da língua portuguesa surge tão pouco televisivo? — nos leva ao cancro que há muito ataca a RTP.

Já se encontrou a si próprio?

Nem me preocupa. Tenho outras coisas para o meu tempo cada vez mais curto. Há dias, em conversa com um editor a propósito do falecimento de Ballester, dei-me conta de que falávamos saudável e sorridentemente da morte.

Talvez porque a morte vos passava ao lado. Aos 54 anos, nem o tempo nem a morte entram nas suas reflexões?

Vivo obsessivamente o tempo, porque é irrepetível. Sinto cada vez mais o gozo do instante. Estou ainda a fazer tanta coisa que não gastarei o meu tempo a pensar em mim próprio.

Dizem os mestres da filosofia que o amor-próprio é o único que nos resta na vida...

Chamo-lhe antes «autoestima».

Autoestima não é fundamental?

Tenho dias.

Despreza o amor próprio?

Não chego ao desprezo. Humanamente, sinto muitas flutuações nessa gestão. Dava pano para mangas este caminho filosófico e tenho algum pudor em ir por aí.

Medo de se denunciar?

Estou tão carregado de ideias e dúvidas, de certezas e expectativas nesta matéria que todo um jornal não chegaria para dizer o que penso.

Jornalista desde 1968. São mais os encantos ou os desencantos?

Balanco feito, são mais os encantos. Reconforta saber que a Associação de Telespectadores atribuiu uma menção honrosa ao «Acontece».

E que sente ao ver na mesma notícia ser distinguido em primeiro lugar o trabalho de outro colega (Brandão Lucas), exibido numa televisão da concorrência?

Apareça o bom produto! Dêem-me a SIC, a TVI, grandes e bons momentos de televisão — e dão —, que estou lá para os consumir.

A paranoia da competição não empurra tudo para a imitação?

Olhe para mim, olhos nos olhos.

Estou a olhar...

Então, sem comentários.

O segredo da arte de comunicar?

Autenticidade.

Admite que sabe criar um certo «charme» televisivo?

Perscruto-me apenas com o rigor, análise profissional.

Procura estar em sintonia com o público do «Acontece»?

Em sintonia com a mensagem.

As mensagens dirigem-se ao abstrato?

Bom, é mais fácil entrevistar do que ser entrevistado...

Entrevistar não é nada fácil...

É a arte mais difícil do jornalismo, que reclama urna interação esgotante. Voltando à questão: concentro-me na mensagem, não fito audiências.

Qual a sua relação com a política?

Observador interessado. Dei nome e cara, pela primeira vez, na campanha de Jorge Sampaio para Presidente da República. Motivou-me aquela figura humana.

Homem de teatro, que também foi, não encena a sua imagem para comunicar?

A palavra-chave já a disse: autenticidade. E quero acentuar que temos excelentes jornalistas que não têm forçosamente de enfrentar as câmaras.

A imagem televisiva tem sido a bitola do mercado jornalístico...

Prende-se com o descaminho da informação. Chama-se a isso informação-espetáculo, à qual nada me liga.

A informação-espetáculo é a melhor forma de mostrar coisas escondendo as grandes coisas?

É dar gato por lebre.

O vedetismo causa-lhe alergia?

Erisipela.

Há quem pense que é uma vedeta...

As pessoas são livres de pensar.

Por que tem sempre uma rosa em cima da mesa de trabalho?

Preciso de uma flor ao pé de mim. Flor e música. Sou um viciado, um flormusicodependente.

A sua forma de oração?

Se quiser.

Que relação tem com Deus?

Nunca o vi, não sei quem é.

Alguma vez disse «sou ateu, graças a Deus»?

Digo: sou agnóstico, infelizmente.

Que lhe passa pela cabeça quando diz que, se fosse mulher, seria feminista?

A imagem de minha mãe, Sara, a grande referência da minha vida; continua a sê-lo, nove anos após a sua morte. Uma mulher que foi uma pessoa grande. Soube, nos anos quarenta, assumir uma feminilidade sem margens para dúvidas.

Feminilidade não é sinónimo de feminista...

Minha mãe deixava transbordar o vigor das ideias sem perder a feminilidade. É nesse contexto que uso a expressão feminista. Como todos os seres humanos, sou uma química de masculino e de feminino. Não recuso a minha costela feminina e assumo-a no corpo, na formação e na cultura masculina que tenho e com a qual me sinto muito bem.

A sua capacidade de ternura deriva dessa costela feminina?

Congénita. E dou-me conta de que a mulher, numa reação justificável (e até louvável), dado um passado mais inglório que a leva agora a maiores conquistas, é hoje menos capaz de manifestações de ternura do que o homem. Talvez porque está a conquistar a pulso o que, em geral, o homem já conquistou.

Defende a lei das quotas para a mulher lograr essas conquistas?

Não. Tudo o que seja segregar não se dá comigo. Que é isso de ir buscar números às mulheres para compor o ramalhete?!

Faça a si próprio a última pergunta desta entrevista e responda...

Ora bem... «Porque dá tantas entrevistas, se não gosta de ser entrevistado?».

Resposta: Porque o projeto «Acontece» a isso me obriga, apesar de mim. Julgo que merece ser conversado, discutido, divulgado.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*